

Festas e espaços em transformação: a Caninha Verde em Vassouras-RJ

Festivities and spaces in transformation: the Canina Verde, in Vassoura-RJ

André Jacques Martins Monteiro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2500>

DOI: 10.4000/pontourbe.2500

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

André Jacques Martins Monteiro, « Festas e espaços em transformação: a Caninha Verde em Vassouras-RJ », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2500> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2500

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Festas e espaços em transformação: a Caninha Verde em Vassouras-RJ

Festivities and spaces in transformation: the Canina Verde, in Vassoura-RJ

André Jacques Martins Monteiro

Introdução

- 1 Atualmente, ao colocar em evidência o termo Caninha Verde, há dúvidas sobre a que se está referindo: a primeira associação é a algum tipo de cachaça. Em um passado não muito distante seria bem mais comum saber do que se trata, ou pelo menos ter alguma outra ideia a respeito. Em princípio, há um consenso entre os folcloristas de que se refere à prática festiva própria da região do Minho, em Portugal. Mas a passagem entre gerações, as mudanças no contexto histórico e social, como também nas festividades e divertimentos, tornaram incertas as origens para muitos de seus brincantes. O senhor Nilton Dias da Rosa, conhecido como Filhinho Santana, o principal expoente desta manifestação cultural no município de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, afirmava que não sabia explicar direito de onde veio a Caninha Verde, mas sabia que era de Portugal, por causa dos versos que eram cantados no bloco de carnaval de que participava desde a sua mocidade.
- 2 O termo “Caninha Verde” pode expressar múltiplos significados, desde o mais elementar associado à cana-de-açúcar e seus derivados, até uma representação da humildade e a humilhação, relacionada ao martírio de Cristo na figura do Bom Jesus da Cana Verde. São inúmeras narrativas que reportam a contextos diferentes, que perpassam além da religiosidade a literatura, a poesia e, inclusive, as próprias práticas festivas. Podem inclusive representar a flexibilidade, o vazio interior ou estar presentes em lendas que transitavam entre a cultura islâmica e a cultura cristã na península ibérica¹. Estritamente referindo-se à festa, a Caninha Verde no Brasil apresenta registros esparsos, por vezes fragmentados, com uma diversidade de espaços, de contextos festivos e de formas de brincar. Apesar da variedade de expressões, são recorrentes alguns elementos, dependendo do período e do lugar, como o canto de versos de improviso.

- 3 Essa condição plural desta prática festiva provavelmente deve-se aos diferentes momentos da migração e interação da cultura portuguesa em contextos regionais distintos do Brasil, que incluem, dentre outros fatores, as formas de interação étnica, a conjuntura histórica, as questões sociais e tantos outros fatores “que a tornaram diferente da Caninha Verde de Portugal” (Giffoni 1973: 54). Ao contextualizar a trajetória desta prática festiva em Vassouras, forma-se uma perspectiva que revela sujeitos, comunidades, modos de vida e memórias que ampliam as versões oficiais em relação à memória desta cidade.



Figura 1 – Apresentação da Caninha Verde de Ferreiros na Praça Barão de Campo Belo, centro da cidade de Vassouras-RJ. 18 jun. 2005. Foto André Monteiro.

O percurso de uma pesquisa e a trajetória de uma prática festiva

- 4 Além da pluralidade e da polifonia relacionada às expressões da Caninha Verde, outro desafio que fez parte do percurso desta pesquisa foi o fato de seus brincantes terem um conhecimento vago sobre as origens de sua brincadeira. Havia fragmentos de versos que eram passados de geração em geração que, juntamente com a literatura folclórica dispersa entre as manifestações nos mais diferentes pontos do Brasil, apontavam para Portugal como o local de origem da Caninha Verde. Mas, em diversos casos, cada uma destas manifestações era muito diferente uma da outra, apesar de serem nomeadas da mesma forma. Ao longo da pesquisa observou-se que, quanto mais antigo o registro, maior a semelhança dos elementos que compõem a prática festiva entre lugares diferentes. Em cada situação, ao longo do tempo, ocorreu uma trajetória própria de modificações.

- 5 O desenvolvimento deste estudo implicou a utilização de diversas fontes, dentre elas os principais periódicos que circularam em Vassouras entre o final do século XIX e meados do XX, como também obras de memorialistas e folcloristas. Mas, devido à especificidade da proposta de estudo, ou seja, entender o percurso que transformou a Caninha Verde na manifestação cultural como é conhecida atualmente em Vassouras, as fontes que oferecem mais detalhes foram as entrevistas com antigos brincantes e pessoas próximas daqueles que já haviam falecido. Nestas entrevistas incluíam-se demonstrações da dança, da cantoria, a preparação de acessórios para o desfile, como também o aprender a dançar a Caninha Verde.
- 6 A maior parte das entrevistas foram realizadas com o mais antigo representante desta prática festiva em Vassouras, o senhor Nilton Dias da Rosa, conhecido como Seu Filhinho Santana. Nascido em 1918, Seu Filhinho viveu parte de sua infância e juventude na fazenda Monte Alegre, localizada no Morro da Vaca, no referido município, onde ele afirma ter visto pela primeira vez a Caninha Verde, ainda dançada de forma semelhante à quadrilha das festas juninas. Pelos relatos e alguns poucos indícios em periódicos, teriam sido as comunidades próximas a esta fazenda que realizaram a transposição da Caninha Verde do baile de roça na fazenda para a cidade, como bloco de carnaval. Esta versão do percurso de transformações desta prática festiva em Vassouras toma por base a perspectiva e a trajetória do Seu Filhinho Santana.
- 7 Em sua memória, ele ingressou aos 15 anos no Bloco da Caninha Verde convidado pelo seu pai, devido a sua habilidade em cantar versos de improviso, que realizou com maestria até depois dos 90 anos. Participou efetivamente da Caninha Verde até meados da década de 1980 e, posteriormente, participou esporadicamente até o ano anterior ao seu falecimento, em março de 2012. Além do Seu Filhinho Santana, o relato da senhora Maria de Lurdes de Souza Tavares foi fundamental para este estudo. Nascida em 1916, era filha do proprietário da fazenda Monte Alegre, o senhor Luiz Francisco de Souza, conhecido como Seu Luiz Rosa. Dona Lurdes testemunhou também a Caninha Verde que era dançada nos bailes de roça e a que se apresentava no carnaval, como também vivenciou o cotidiano, o modo de vida e as práticas festivas na fazenda.
- 8 Outro entrevistado que participou da Caninha Verde, provavelmente no final da década de 1940, foi o senhor Ismar de Souza Gondin, conhecido como Toti. Nascido também na fazenda Monte Alegre em 1930, ele integrou o Bloco da Caninha Verde, comandado por seus dois tios, Aristides de Souza e Alberto José da Motta – o Bingue, os principais mobilizadores do bloco. Seu Ismar afirma que não chegou a conhecer a Caninha Verde que se dançava nos bailes da fazenda.
- 9 Pertencente a uma geração posterior de brincantes, o senhor José Luiz de Souza Tavares, filho da Dona Lurdes, nasceu na referida fazenda em 1944, e participou da Caninha Verde na década de 1960. Além dele, o senhor Manoel João dos Santos, nascido no distrito de Ferreiros, em Vassouras, em 1932, foi o responsável pela criação de um bloco de Caninha Verde no dito distrito, entre as décadas de 1960 e 1970.
- 10 Foram também entrevistadas as senhoras Elisa Maria da Silva Conceição, nascida em 1949, e Maria de Fátima da Silva Conceição, nascida em 1959, sendo as duas de Vassouras e filhas do senhor Ivo da Conceição, já falecido, que foi brincante e comandou a Caninha Verde entre as décadas de 1950 e 1960.

- 11 Estes entrevistados contribuíram significativamente com informações sobre detalhes de como se brincava com esta prática festiva e sobre os ambientes em que era realizada no carnaval de Vassouras.
- 12 Uma síntese de alguns aspectos apresentados nesta pesquisa e imagens do que tem sido desenvolvido em Vassouras atualmente em relação à Caninha Verde está disponível no registro da Oficina de Estudos da Preservação, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Rio de Janeiro em setembro de 2012.

A Caninha Verde em Vassouras

Que veio de Portugal
 Dizem que a Caninha Verde
 Que ela veio de Portugal
 Que a Caninha Verde
 Que ela veio de Portugal
 Conheci a Cana Verde
 No dia do Carnaval
 (Seu Filhinho Santana)²

- 13 Todas as festas revelam particularidades dos lugares e dos momentos em que estão inseridas e tornam-se peculiares também pelas relações de lugar e de período. Uma festa na fazenda ou na cidade, como um baile de roça ou o carnaval, em meados do século XIX ou no início do XX, apresentariam diferenças que exprimem o contexto no qual se manifestam. No entanto, nestas festas mencionadas, o que poderia haver em comum é que o divertimento delas é mediado por habilidades, caracterizações e modos de brincar, ou seja, formas próprias de cantar, de tocar instrumentos musicais e de dançar, ou mesmo o uso ou não de fantasias e acessórios. Estes elementos juntamente com outras características delineiam parcialmente uma prática festiva. Assim, dentre as diversas práticas festivas nomeadas de Caninha Verde, aquela que foi elaborada no município de Vassouras constituiu suas particularidades devido a sua inserção no divertimento que integrava o modo de vida de determinados grupos sociais menos abastados, que também foram agentes fundamentais da formação, do desenvolvimento e das singularidades desta cidade.
- 14 São escassos os registros da Caninha Verde nas origens de Vassouras. Sua presença no Vale do Paraíba neste contexto é uma hipótese devido à ação de ocupação desta região pelos colonizadores no século XVIII, com a paulatina abertura dos caminhos que ligavam o litoral a Minas Gerais, com o propósito de escoar a produção de ouro através dos portos de Parati e do Rio de Janeiro (Stein 1990). Ao longo destes caminhos formaram-se ranchos e povoados, que além de ponto de descanso e alimentação dos tropeiros, provavelmente eram locais de descontração e cantoria.
- 15 Após o declínio do ouro nas regiões de Minas Gerais, o Vale do Paraíba passou a ser ocupado pelas fazendas cafeeiras e, em 1833, a localidade de Vassouras foi elevada à condição de vila. O enriquecimento através do café impulsionou o desenvolvimento local, marcado pela ação de famílias dos pequenos, médios e grandes proprietários de terras e escravistas, além dos capitalistas, comerciantes e profissionais liberais, entre outros. Quando foi instituída como cidade em 1857, a riqueza expressava-se na urbanização, nos casarões e palacetes que emolduraram com ostentação seu centro, como também nas casas de vivenda dos grandes fazendeiros (Muniz 2005; Silva Telles 1967; Stein 1990). Logo a ferrovia cortaria diversas fazendas de seu território, promovendo a circulação de

produtos e pessoas, conectando à Corte e a outros centros urbanos, mas seu trajeto nesta época passaria ao largo do coração da cidade.

- 16 A composição populacional neste período era diversificada, mas nas elites ou entre os grupos mais abastados, esta diversidade estava restrita aos brasileiros e europeus predominantemente brancos, entre os quais os modelos de divertimento buscavam refletir os ideais de civilização vigentes na Europa e na Corte. Certamente as aspirações destes modelos não eram uma fronteira rígida entre os diferentes grupos sociais, pois havia uma relativa interação em determinadas festividades, evidenciando o paradoxo da proximidade física e o distanciamento social (Burke 1989). Mas a Caninha Verde estava relacionada aos espaços de divertimento de grupos menos favorecidos, imersa em uma esfera ainda mais ampla da diversidade populacional, que envolvia africanos, afrodescendentes e portugueses de diversas origens.
- 17 Na segunda metade do século XIX, comparando as nacionalidades dos colonos que chegavam a Vassouras, os portugueses – principalmente açorianos – representavam o maior número de imigrantes (Stein 1990). Ao estudar o sistema de colonização neste município, Martins (2007:27) reafirma a análise de Emília Viotti, na qual “só raramente encontravam-se colonos e escravos trabalhando lado a lado: eram colonos portugueses, ilhéus, os únicos a se adaptarem a este tipo de trabalho”. Mas além do trabalho na fazenda, ambientes festivos e religiosos também promoviam a sociabilidade entre negros e portugueses e podem ter representado um dos principais fatores que fomentaram a interação étnica e cultural, da qual a Caninha Verde foi uma provável consequência.
- 18 Um exemplo disso é encontrado na citação feita pelo brasileiro Stanley Stein (1990:246) do médico francês Louis Couty em 1883, referindo-se “àquelas danças curiosas onde o jongo, a caninha verde ou outras danças especiais são gingadas durante a noite toda por mulatas atraentemente vestidas e sempre limpas” (grifos meus). Neste relato este viajante faz referência a um ambiente festivo, composto por várias práticas culturais, sendo o Jongo de influência marcadamente afro-brasileira, a Caninha Verde de origem portuguesa e as agentes da festa destacadas são mestiças ou “mulatas”. Cabe ressaltar que Seu Luiz Rosa, pai da Dona Lurdes e proprietário da fazenda Monte Alegre, um dos principais lugares onde se ambientaram as transformações da Caninha Verde em Vassouras, era filho de uma negra com um português, segundo memórias contadas na família.
- 19 Em torno de 1880 tornam-se mais evidentes os sinais de decadência do modelo de produção de café na região, ocasionada pelo esgotamento da terra, pelo desaparecimento do solo virgem, pela escassez de crédito para a lavoura na região e pela forte concorrência do oeste paulista (Stein:1990), dentre outros aspectos. Acrescentando outros fatores de ruptura, tais como a abolição da escravatura e a falência de muitos proprietários de terra, as fazendas perderam muito do seu valor e passou-se a buscar novas funções produtivas. Em 1935 o memorialista Ignácio Raposo, referindo-se a este período, afirma que “Vassouras, que tanta vida revelara nos seus annos de opulencia, começava agora a declinar, diminuída no movimento do seu commercio, da sua industria, das suas artes, vivendo que exclusivamente dos seus productos agricolas” (Raposo 1935:208).
- 20 Após a abolição, a produção do café manteve-se no município, mas já havia comprometido “toda a terra virgem disponível e continuava seu caminho para o sul de Minas Gerais: Bemposta, Juiz de Fora, Mar de Espanha ou para São Paulo” (Muniz 2005:30). Dos fazendeiros que haviam hipotecado suas terras, desde os “grandes barões” até os pequenos proprietários, muitos tiveram suas terras tomadas pelos bancos. Alguns “as venderam e procuraram se estabelecer nas novas áreas cafeeiras”, sendo que “outros

procuraram diversificar a produção” (Muniz 2005: 30). Segundo Fragoso (1983:144), “assim como a reprodução extensiva transformou as matas em cafezais, o uso extensivo da terra combinado à inexistência de práticas de adubação transformaria as terras de culturas em pasto”. Com o declínio do café, “a criação de gado deixa de ser uma simples atividade acessória à agricultura para se tornar cada vez mais a atividade fundamental da unidade de produção” (Fragoso 1983:150). É provável que neste contexto Seu Luiz Rosa tenha conseguido comprar a fazenda Monte Alegre.

- 21 Nesse cenário de crise na economia cafeeira, houve certa reconfiguração da população local. Com o baixo preço das terras usadas para pasto, muitos mineiros deslocaram-se para o Vale do Paraíba para implementar a pecuária. Por outro lado, muitas das famílias que habitavam o centro da cidade deslocaram-se para a Capital Federal, “ou retornaram a Minas Gerais, para lá exercerem funções públicas, mediante seus contatos no poder. Com efeito, muitas das casas, na medida em que foram legadas a herdeiros, permaneciam fechadas, sendo utilizadas como casas de veraneio” (Ricci 2000:22). Paulatinamente aumentou o número de “casas de pensão e pequenos hotéis”, devido ao clima de Vassouras ser considerado propício “à cura dos males das vias respiratórias” (Ricci 2000: 22).
- 22 Estas circunstâncias fomentaram a circulação de pessoas, constituindo diferentes vínculos e perspectivas sobre a cidade daqueles que permaneceram, dos que saíram para reconstruir sua vida em outro lugar, como também daqueles que saíram dos grandes centros urbanos em busca de um modo de vida que a modernidade vigente paulatinamente desconstruía. Se anteriormente a fazenda concentrava a produtividade e a sociabilidade, nesta transição do século XIX para o XX a cidade tendia a agregar estas funções e trazer outras perspectivas de visibilidade e interação social. Isto se reflete no campo do divertimento, quando ocorrem modificações tanto nos bailes de roça, onde determinadas práticas festivas declinam, quanto no carnaval na cidade, que agregava e evidenciava particularidades locais.
- 23 Enquanto Vassouras declinava economicamente, o Rio de Janeiro havia se tornado o modelo de desenvolvimento, “reforçando o objetivo de ‘civilizar’ o espaço urbano” (Araújo 1993:31) em seus aspectos físicos, funcionais e ideológicos. Nesse conjunto de transformações sociais, “o novo estilo de vida implicou a adoção de formas burguesas de desfrutar as atrações urbanas ou populares, de criar modos de divertimento barato, como se todos quisessem, embora poucos pudessem, estar em todos os lugares ao mesmo tempo” (Araújo 1993:35). A ferrovia aproximou as famílias vassourenses do Rio de Janeiro. Assim, de acordo com Ignácio Raposo (1935:208), “desta data em diante, em vez de promoverem grandes festas em Vassouras, tractaram os fazendeiros de tomar parte nas que se realizavam no Rio”.
- 24 Em uma perspectiva ampla, há um conjunto de transformações na sociedade que se reflete no modo de vida das pessoas, dos grupos sociais e, conseqüentemente, nas práticas festivas também. Conforme Stuart Hall, ao ingressar no século XIX percebe-se uma nova estruturação da “lei e da ordem”, que vai culminar em transformações significativas no período entre 1880 e 1920. De acordo com o autor, “em algum momento desse período se encontra a matriz dos fatores e problemas a partir dos quais a nossa história e nossos dilemas peculiares surgiram”. Há uma mudança radical no âmbito das “lutas políticas”, como também há o surgimento de “tantas formas características daquilo que hoje consideramos como cultura popular ‘tradicional’ que emergiram sob sua forma especificamente moderna, ou a partir dela, naquele período” (Hall 2001:250).

- 25 Os ideais de modernidade concomitantes a este período de declínio econômico local suscitavam um modelo de vida com tendências urbanas, tornando-se um dos fatores que fizeram com que as cidades ganhassem importância, enquanto a vida na fazenda reportava ao passado e aos costumes. Apesar disso, Stanley Stein (1990:338) sintetizou com profundidade o que este lugar representou como imagem e como memória: “A fazenda de café do século XIX foi mais do que uma unidade de produção e um modelo de vida. Aceitando todas as consequências, ela deixou uma marca indelével nas mentes de todos que deixaram o Vale a fim de cumprir seus destinos em outros lugares”. De certa maneira, esta afirmação não se restringe à distância, pois para quem permanecia, também estava habitando um outro lugar. A Caninha Verde representou também este deslocamento, não tanto no espaço, mas nos sentidos dos lugares e das formas de divertimento.

Um percurso da Caninha Verde

- 26 Para observar algumas possíveis trajetórias do que era nomeado como Caninha Verde nos bailes de roça para o carnaval, é fundamental observar o contexto da região, impactado pelo declínio da produção do café. Neste sentido, o registro do músico Luciano Gallet tem uma importância particular para este estudo. O autor declara que suas informações foram “recolhidas na Fazenda de São José da Boa Vista, em julho de 1927” (Gallet 1934:65), localizada em Piraí, município nesta época vizinho a Vassouras e que integra o Vale do Paraíba Fluminense. Gallet (1934:67) afirma que tais informações “foram dadas pelo velho preto Antoniozinho, nascido e residente naquela zona, colono da fazenda acima citada”, tratando-se de uma pessoa idônea e que era “acatado naquela zona, onde preenche até funções sacerdotais, na ausência de autoridades religiosas. De origem brasileira, desconhece os usos, termos e cousas africanas”. Seus relatos descrevem várias práticas festivas que naquele momento estavam em desuso, lembrando “com saudade, os velhos tempos, as festas da época e os pagodes que tomou parte” (Gallet 1934:67).
- 27 Tanto o interesse do pesquisador como o próprio relato do informante indicam mudanças nas formas de entretenimento nas fazendas. Dentre as práticas em desuso descritas, estava a Caninha Verde, que era tocada por um cantador em uma viola de 12 cordas, sendo que este também participava da dança. Quando havia dois cantadores e duas violas era cantado o “verso de mano – como no cateretê”, ou seja, improvisos em parceria. Não se admitia o “desafio”, pois era destinado a inimigos (Gallet 1934:71).
- 28 O grupo dançante era formado por dois círculos compostos em cada um por dois pares frente a frente, ou seja, quatro pessoas, chamada de “Caninha Verde de Oito”. Caso houvesse mais participantes, formavam-se mais círculos com a mesma estrutura. No desenvolvimento da coreografia, “o Cantador canta o verso e os pares alternam os lugares fronteiros, dansando” (Gallet 1934:72). Ao concluir o verso, “repete só a melodia e os figurantes batem o pé”. O autor descreve a narrativa de Antoniozinho dizendo que, “si os dansarinos forem praticos, no momento do canto (dansa), alternam os pares com outra roda. O cantador alterna à vontade. Quando houver dois cantadores fica um em cada roda”. Luciano Gallet (1934:73) transcreve um verso desta Caninha Verde juntamente com a melodia em uma pauta musical.

Caninha verde
Oh minha verde Caninha
Por causa da cana verde

Que é meu triste padecer
 Plantei a cana verde
 Na beira do Piraí,
 E a marvada foi ingrata,
 Plantei ela não brotou.

- 29 Este relato da Caninha Verde em Piraí, registrado em 1927, fala de uma prática festiva que está em desuso, ou seja, que foi deixando de ser realizada. Nesse período, Seu Filhinho Santana tinha em torno de nove anos de idade e Dona Lurdes, provavelmente, 11 anos. Eles descrevem uma outra Caninha Verde, que em vários aspectos se assemelha com a que Luciano Gallet (1934) relata, sendo diferente daquela conhecida atualmente, que utiliza os cacetes na dança e associada aos blocos de carnaval. Referem-se a uma Caninha Verde que integrava as festas que ocorriam na fazenda Monte Alegre, na qual o pai de Seu Filhinho era colono e cujo proprietário era pai de Dona Lurdes, o senhor Luiz Francisco de Souza, conhecido como Seu Luiz Rosa.
- 30 A primeira vez que Seu Filhinho relatou ter visto a Caninha Verde, “ela não era ‘batida’, era cantada e dançada”. Segundo ele, era “dançada estilo quadrilha”, fazendo cada qual um verso do tipo improvisado e trocando de dama. Conheceu esta dança no salão de baile da fazenda Monte Alegre. “Eu me lembro da Cana Verde quando era dançada no salão da fazenda do Seu Luiz. Eu era moleque... Dançava a Cana Verde cantada, marcada e rodada. Fazia aquela volta [...]. Até minha mãe costumava fazer os versinhos dela”.
- A toada era a mesma, só não tinha o porrete. Cada vez que rimava o verso, cada um rodava com a dama que tivesse marcando com ele e passava para outra... A dama que tava comigo passava pra outro, a que estava com outro passava pra mim e a gente continuava sambando. Aquilo que se fazia com os porretes, fazia com os pés... No salão, todo mundo batia³.
- 31 Pode-se imaginar o som produzido com as batidas dos pés no assoalho de madeira deste casarão do século XIX, embalando o ritmo da dança. Continuando a descrição, Seu Filhinho afirmou que “cada um cantava um verso e trocava de dama. E ia fazendo volta. Se quisesse terminar quando cada um tivesse com suas damas, podia também”. Além dos detalhes referentes à forma de dançar, outro aspecto que se diferencia dos registros de Gallet (1934) é o uso da sanfona ao invés da viola.
- 32 Essa forma de dançar, que também estava em desuso em Vassouras, pertenceu às gerações anteriores ao Seu Filhinho, pois, de acordo com suas lembranças, o Seu Luiz Rosa não chegou a bater a Caninha Verde com o porrete. A geração seguinte é que continuou a Caninha Verde e, provavelmente, foi agente de uma possível transição entre forma dançada e a forma batida. Nessa geração estão os filhos do Seu Luiz Rosa, tais como o Seu Aristides, Seu Durvalino e Seu Jaime, além do Bingue e do Seu Chico Santana – pai do Seu Filhinho – dentre outros.

A Caninha Verde no carnaval

- 33 A inserção da Caninha Verde no carnaval não é um processo isolado que aconteceu em Vassouras. Como indica o pesquisador Matthias Horing Assunção (1992:14), a Caninha Verde “urbanizou-se no Maranhão, tendo versões carnavalescas frequentes até 1950 e ainda é apresentado ocasionalmente”. Além disso, mesmo que uma parcela significativa dos registros sobre esta prática festiva apresente-se relacionada aos ambientes rurais e o carnaval esteja caracterizado como uma festa urbana, ainda assim não é possível generalizar um deslocamento no aspecto físico do espaço do campo para a cidade. Em

alguns casos há indícios de a Caninha Verde já estar integrada às festividades urbanas ou de núcleos populacionais que ultrapassam os limites da fazenda, como o carnaval e Festa da Penha no Rio de Janeiro (Coelho Neto 1945; Moraes Filho 1979; Soihet 1998; Tinhorão 2000).

- 34 As principais referências bibliográficas sobre Caninha Verde em Vassouras tratam do bloco de carnaval. Não foi possível identificar alguma outra fonte escrita que fizesse alusão a esta prática festiva realizada de maneira diferente, como relatada por Seu Filhinho Santana e Dona Lurdes na fazenda Monte Alegre. Há um breve, mas importante estudo elaborado pela folclorista Cascia Frade (1978), impresso em mimeógrafo. Neste estudo a autora faz uma referência às origens na cidade do Minho, cita os registros de Luciano Gallet e faz uma descrição da prática festiva. Frade (1978) apresenta a dança e uma das formas de preparação dos porretes, enumera os instrumentos utilizados e cita exemplos dos versos utilizados nas cantorias. Posteriormente, em um levantamento coordenado pela mesma autora e publicado em 1985, são identificados três tipos de Caninha Verde no Estado do Rio de Janeiro: “a Caninha-Verde, a Cana-Verde valsada e a Cana-Verde marcada (também chamada de coxada ou de mão)” (Frade 1985:49). Esta primeira refere-se à Caninha Verde encontrada em Vassouras.

A primeira delas é executada com dançadores formando pares que se defrontam em um círculo único. Batem os bastões de madeira dentro do compasso musical. A música é executada em sanfona de oito baixos com acompanhamento de batidas rítmicas executadas por pandeiro e um pequeno tambor. Apresenta-se no carnaval. (Frade 1985:49).

- 35 O bloco da Caninha Verde no carnaval de Vassouras era formado, em geral, por quatro diferentes funções de brincantes: os batedores ou dançadores, os improvisadores ou cantores, os músicos e a pessoa que comanda o bloco. Inicialmente com predominância masculina. Os batedores eram compostos de dez a vinte e dois pares de brincantes – como contou Seu José Luiz – que portavam um porrete, ou como se diz em Vassouras, um cacete de um metro e meio em média. A melodia era tocada por um sanfoneiro, um pandeirista e mais um tocador de surdo. Os improvisadores eram aqueles que faziam versos cantados, geralmente sem desafio entre eles, e que podiam estar inseridos no grupo enquanto cantavam como batedores, como músicos ou à parte, acompanhando junto com os músicos. O marcante ou a pessoa que comandava a Caninha Verde em geral ficava separado do grupo, portando um apito para estabelecer as marcações da coreografia em conjunto, o deslocamento, as paradas e o encerramento. Em caso de necessidade poderia substituir algum batedor.
- 36 Apesar das variações a principal movimentação dos batedores consistia na formação em círculo, onde inicialmente esses brincantes se defrontavam com seu par original. Sob o comando do marcante, os músicos faziam uma introdução da melodia quando era cantado, em geral, um verso de domínio coletivo para o começo da apresentação.
- Minha Caninha Verde
Que veio de Portugal
Vamos todos, minha gente
Desfilar no Carnaval
- 37 Em seguida, no ritmo da música, os batedores iniciavam a coreografia batendo seu porrete com seu par original, fazendo um giro de corpo pelo lado interno do círculo para ficar de frente para o batedor da dupla que estava ao seu lado. Segundo uma descrição do Seu Manoel⁴, que se refere a uma didática de ensino da Caninha Verde que ele aplicava, o porrete ficava posicionado à frente do corpo, com uma inclinação média de 45 graus em

relação ao eixo do corpo do batedor e segurado pelo meio com a mão direita, que de preferência não devia sair dessa posição. No início, na primeira movimentação dos batedores, a extremidade superior do porrete ficava inclinada para o lado esquerdo, com a mão esquerda, segurando o porrete acima da direita, ficando as duas mais próximas do centro para evitar acidentes. A primeira batida entre os pares era dada com a extremidade inferior, que estava inclinada para o lado direito. A segunda batida era dada com a extremidade superior e a terceira era feita com a parte inferior novamente.

- 38 Terminada a sequência de três batidas, cada componente do par de batedores virava-se em 180 graus para ficar de frente para o batedor da outra dupla que havia feito o mesmo movimento, formando assim uma outra dupla. Durante o giro de corpo, o batedor trocava a posição do porrete. A mão direita mantinha-se ao centro do porrete e inclinava a extremidade superior para o lado direito. A mão esquerda, que estava acima da direita, segurando o porrete, passava para baixo da mão direita. Além das batidas e do giro de corpo, o grupo formado pelos pares formando um grande círculo, realizavam um giro, habitualmente em sentido horário. Nessa formação, os músicos ficavam posicionados ao centro do círculo junto com o marcante e, em alguns casos, também com os improvisadores, como contou Seu José Luiz⁵.
- 39 O ritmo da música era um compasso quaternário. Dessa forma, o batedor dispunha de três tempos para bater o porrete e um tempo para fazer o giro de corpo e ficar de frente para o batedor do lado oposto. Como contou Seu Filhinho, as batidas de todo o grupo deviam ser uníssonas e corresponder com exatidão ao toque do surdo, pois as batidas do porrete compunham a sonoridade da toada. Para isso, era importante que a toada não fosse tocada de forma acelerada, para que houvesse tempo para realizar os movimentos de forma harmoniosa e poder dançar enquanto os executava⁶.
- 40 Tanto os improvisos da cantoria como a toada da Caninha Verde assemelhavam-se à do Calango, que, na opinião do Seu Filhinho Santana, o ideal era que estivesse com o andamento mais lento para que houvesse tempo para os brincantes do bloco poderem realizar os movimentos e evoluções. A temática dos improvisos em geral eram as mesmas, mas o foco não era o desafio com outros improvisadores. Nesse sentido, Seu Filhinho asseverava que não devia haver desafio, ou seja, provocações e ofensas nem entre os participantes, nem com o público. Outra diferença é que não havia a preocupação em manter a mesma “linha”. De acordo com Cascia Frade (2008:94), “recebem o nome de ‘linha’: linha do A; linha do ÆO; linha do Antonho; linha da poesia; linha do dinheiro, etc. – designações que indicam a sonoridade das palavras a serem rimadas. São propostas no início da cantoria e deverão permanecer até a última estrofe”. Desta forma, cada um que improvisasse durante uma apresentação da Caninha Verde poderia rimar na forma que conviesse, sem se preocupar com a rima de quem o antecedeu. Dona Fátima lembra um improviso que ouvia em sua infância, nos ensaios da Caninha Verde promovidos por seu pai, o Seu Ivo, no quintal de sua casa:

Caninha Verde
De verde ficou madura
Se não fosse a Cana Verde
Não havia rapadura⁷.

- 41 De maneira geral, os entrevistados afirmam que o importante na cantoria era estabelecer uma relação com o público, e cada improvisador, por vezes, fazia referências, homenagens ou brincadeiras com alguns passantes ou espectadores. Qualquer um do grupo poderia improvisar com uma estrofe após o término daquele que já estava

cantando. Seu José Luiz ressaltou que “Seu Filhinho era o mestre disso. Até hoje. Ele escuta pouco, mas tem bastante improviso”. Dona Elisa disse que “Seu Filhinho não perdia uma. Naquele ‘bate-rebate’, você canta uma coisa e ele fala uma coisa mais bonita... No cantar quase todos cantavam”. Sobre os temas recorrentes nos improvisos, ela diz que “normalmente era com relação a ‘moça bonita’, não era?” Dona Fátima complementa: “É... sempre tinha uma ‘moça bonita’ no meio”. As duas concordaram que “Seu Filhinho era mestre em cortejar”. Segue um exemplo:

Foi hoje que eu reparei
 E que os olhos que tem você
 Foi hoje é que eu raparei
 Oi, que tem você
 Foi hoje é que eu raparei
 Se eu reparasse há mais tempo
 Não amava quem amei.⁸
 Em outro improviso, Seu Filhinho assim canta:
 Eu me casava
 Com uma dúzia de mulher
 Se eu pudesse eu me casava
 Com uma dúzia de mulher
 Eu me casava
 Com uma dúzia de mulher
 Três Maria, três Antônia
 Três Chiquinha e três Zezé.⁹

- 42 É possível considerar a brincadeira do bloco Caninha Verde como um mosaico de elementos de práticas festivas, sendo que a música e a cantoria permaneceram, sendo atualizadas em relação à maneira como eram realizada nos bailes de roça. Em relação à dança e ao uso dos porretes existem algumas hipóteses para suas apropriações.



Figura 2 – Apresentação do Bloco da Caninha Verde – provavelmente na década de 1960

Fonte: Acervo de Elisa Maria da Silva Conceição

Algumas possíveis interações culturais

- 43 Um dos fatores que poderia ter fomentado diferentes interações culturais a influenciar a Caninha Verde ocorreu na transição do século XIX para o XX. Grande parte das terras das fazendas tornaram-se pasto, com um custo inferior às das cidades mineiras próximas ao Vale do Paraíba, estimulando a vinda de um contingente significativo de pessoas oriundas de Minas Gerais, grande parte motivadas pela pecuária em expansão em Vassouras e nas demais cidades da região (STEIN, 1990). A partir deste panorama, vale observar um registro da Caninha Verde no livro de Jovino Ribeiro de Almeida (2000), intitulado *O Grecco e sua história*. O Grecco é um bairro de Vassouras, de cujas memórias o autor trata e registra a presença dos participantes da Caninha Verde que ali moravam em torno da década de 1980. Referindo-se à prática festiva, o autor afirma que é “popularmente denominado Bloco da Caninha Verde, ou Bloco do Pau, ou ainda Mineiro Pau. O grupo reúne-se durante o Carnaval, nas Festas Juninas ou em ocasiões especiais” (p. 113). Esta referência indica um ponto relevante em relação às influências que compuseram as transformações desta prática festiva, pois há uma semelhança entre a Caninha Verde de Vassouras e o Mineiro-Pau, que é uma manifestação cultural recorrente em Minas Gerais e em algumas cidades do norte do Estado do Rio de Janeiro, principalmente na coreografia dos grupos com os porretes.
- 44 Outro aspecto semelhante é que a Caninha Verde e o Mineiro Pau utilizavam a sanfona de oito baixos e o pandeiro como instrumentos musicais. Apesar de poder se apresentar em outras ocasiões, a recorrência principal do Mineiro Pau era no carnaval¹⁰. Em tese, seria possível especular sobre essa grande migração mineira na primeira metade do XX, que poderia ter trazido para o contexto festivo de Vassouras o Mineiro-Pau, mas nenhum dos entrevistados, nem as demais pessoas com quem tive contato e que testemunharam os carnavais entre as décadas de 40 e 60 fizeram qualquer menção a esta prática festiva¹¹. Em relação ao Bloco do Pau, que o memorialista Jovino Ribeiro Almeida aludia em sua obra, um dos primeiros registros sobre o bloco da Caninha Verde de Vassouras refere-se ao noticiário carnavalesco do jornal *Correio de Vassouras*, de 15 de fevereiro de 1940:
- Carnaval em Vassouras
Jogo de Pau
Foi motivo de grande atracção o bloco “Jogo de Pau” estylo portuguez, que percorreu as ruas da cidade, sob a direcção do folião Alberto José da Motta (Bingue), pela precisão que executaram este difícil jogo.
- 45 Quando o Seu Filhinho foi perguntado sobre o termo “Jogo de Pau”, utilizado neste periódico, ele afirmou ser uma das denominações para a Caninha Verde. Dona Lurdes disse a mesma coisa. Há uma semelhança com a expressão “Jogo do Pau”, que se refere a uma prática marcial, conhecida em Vassouras como “Briga de Cacete”, que foi tema do documentário *Versos e Cacetes: o jogo do pau na cultura afro-fluminense*, realizado pelo historiador Matthias Holing Assunção. A partir desse enunciado do jornal, foi pesquisado se haveria alguma relação entre este estilo de luta e a prática festiva. Um indício que apontava para essa possibilidade encontrava-se no relato de Seu José Luiz¹² sobre algumas histórias que ouviu em família. Ele contou que seu avô, Luiz Rosa, proprietário da fazenda Monte Alegre, costumava andar com uma bengala de ipê quase de sua altura e era conhecido por suas habilidades com a Briga de Cacete.

- 46 De acordo com estas memórias familiares, costumava haver uma vez por mês “encontros de cacete”, em que praticantes se deslocavam para outros bairros e distritos para, em grupo, fazerem disputas, como uma forma de esporte ou divertimento coletivo. Um dos lugares citados destes encontros era a fazenda da Estiva, localizada relativamente próxima à fazenda Monte Alegre. Apesar disso, os entrevistados mais antigos não identificavam ou não admitiam nenhuma relação direta entre a Caninha Verde e o Jogo do Pau.

Transformações e continuidades

- 47 Um dos aspectos que possibilitou a permanência desta Caninha Verde até os dias de hoje é o fato de que, apesar de se constituir como um bloco, nunca esteve restrita ao carnaval. Sua elaboração em Vassouras remonta a um período em que o carnaval comportava uma grande diversidade de expressões culturais, em uma época anterior às tendências de predomínio dos modelos da festa carnavalesca de Salvador ou das escolas de samba do Rio de Janeiro, que em muito esteve relacionado à atuação da mídia televisiva (Assunção 1992). Atualmente, apesar de nunca perder esta característica, o carnaval indica uma retomada da afirmação de sua diversidade.
- 48 Assim, a Caninha Verde, como outras práticas festivas, tem percorrido novos espaços, seja em escolas, em eventos e em festivais. Eugênio Capute, figura destacada nos campos político e cultural de Vassouras, foi um dos incentivadores tanto da Caninha Verde quanto de outras manifestações culturais nesta cidade, promovendo interações com escolas estaduais na década de 1970 (Vieira 2010). Um dos trabalhos mais significativos, que contribuiu para a continuidade desta prática festiva foi realizado na Escola Municipal São Sebastião dos Ferreiros, localizada em uma área rural de Vassouras, no distrito de Ferreiros. Sua então diretora Telma Cristina Barbosa Sant’Anna formou em 1989 um grupo de Caninha Verde, que inicialmente integrava os antigos participantes desta comunidade com os alunos da escola. A continuidade deste trabalho até os dias de hoje tem sido um dos principais fatores que mantém viva a memória desta prática festiva.
- 49 Outro trabalho desenvolvido integrado com processos educativos tem sido realizado desde 2007 na Escola Municipal Giovanni Nápoli, situada em área urbana da referida cidade, no bairro denominado Grecco. Este trabalho apoiado pela diretora Ilza Carla Brum Bastos Pinto, em diversos momentos contou com a presença do Seu Filhinho Santana, ensinando a Caninha Verde, cantando ou contando histórias para os alunos.
- 50 Há também a iniciativa de Manoel João dos Santos, conhecido como Seu Manel, e José Luiz de Souza Tavares, que formaram o grupo de Caninha Verde do Morro da Vaca com crianças desta localidade desde 2009, como também desenvolveram atividades no Centro de Convivência do Idoso, mantido pela Prefeitura Municipal de Vassouras. Estes dois brincantes têm grande importância em relação a esta prática festiva nesta cidade. Seu Manel foi o responsável por levar a Caninha Verde para o distrito de Ferreiros no final da década de 1960, cujo grupo se manteve até o início da década de 1980.¹³ Seu José Luiz desde a mocidade participa desta manifestação cultural e é neto do proprietário da antiga fazenda Monte Alegre, Seu Luiz Rosa. Foi nos arredores desta fazenda que se constituiu esta prática festiva. Seu tio, Aristides de Souza, foi um dos principais agentes no período de criação do bloco da Caninha Verde.¹⁴



Figura 2 – Caninha Verde do Morro da Vaca – Morro da Vaca – jun. 2009

FOTO ANDRÉ MONTEIRO

- 51 Este percurso de continuidades e adaptações a novos espaços revela não apenas transformações locais refletidas nas esferas do divertimento. Em uma perspectiva ampla, ocorrem modificações nos sentidos e significados, tanto da Caninha Verde quanto de outras manifestações culturais, quando mediadas ou representadas pelos conceitos de folclore, de cultura popular ou patrimônio imaterial. Há também os efeitos decorrentes das interações com os diversos meios de comunicação social, com as pesquisas acadêmicas, com a inserção nos ambientes educativos e com as políticas públicas para a cultura em diferentes instâncias de governo. Tais circunstâncias repercutem tanto nos grupos de manifestações culturais quanto nas comunidades em que estão inseridos, refletindo nos vínculos entre os sujeitos brincantes, nas interações sociais através da festa e processos de identificação que as práticas festivas fomentam. São aspectos relevantes que necessitam de ainda mais análises e discussões.

Considerações finais

- 52 As festas compõem um lugar, uma cidade, como um elemento que integra o conjunto de características que a particularizam, tanto quanto seus prédios, praças, jardins e suas ruas. Mesmo representando os aspectos mais efêmeros, intangíveis e sazonais que se instauram no espaço, revelam grupos sociais com seus modos de vida e suas trajetórias. São memórias que manifestam-se não apenas nas lembranças das festas, mas de forma viva e que se fazem presentes a cada vez que se canta, dança e brinca, reafirmando os sentidos dos laços que vinculam sujeitos a um determinado grupo ou comunidade. Cada festa contém a possibilidade de uma perspectiva sobre um lugar, assim esta Caninha Verde revela em sua trajetória uma perspectiva ou um reflexo das transformações na cidade de Vassouras.

- 53 Nestas transformações, observadas por Gallet (1934) no levantamento que realizou em 1927 em Piraí, e por Seu Filhinho e Dona Lurdes, nas lembranças da infância sobre a Caninha Verde dançada no salão da fazenda Monte Alegre, há uma conjuntura de mudanças nas quais algumas práticas festivas perderam o sentido em seus grupos sociais.
- 54 Seu Ismar, 12 anos mais jovem que Seu Filhinho, desconhece essa Cana Verde. Existiriam outras práticas nessa conjuntura que – segundo Gallet (1934) – caíram também em desuso, tais como o Cateretê, de que atualmente não se tem notícias de sua continuidade no Vale do Paraíba.
- 55 Em relação ao possível período em que houve uma provável transição entre a forma “dançada” e a forma “batida”, considerando que Seu Filhinho afirma ter iniciado sua participação no bloco da Caninha Verde aos 15 anos, isto indica que – seja o que for que tenha acontecido, tais como a adaptação ou a “invenção” de uma prática festiva, dentre outras possibilidades – tais processos ocorreram possivelmente em torno da década de 1930.
- A primeira vez que eu vi não era batida, mas era cantada e dançada, no salão [...]. Aí depois, esse Bingue criou uma aí, e esse filho desse homem, desse Luiz Rosa, chamava-se Aristides, aí ele inventou a de porrete. Aí eles formaram uma e esse Bingue formou outra. Ficaram duas. Teve um carnaval que fundiram as duas¹⁵.
- 56 É provável que esta transformação não se tenha constituído por rupturas bruscas, mas inicialmente por simultaneidade entre as diferentes formas da Caninha Verde, até porque ocupavam espaços festivos distintos. Há considerável pertinência em relação às mudanças que estavam operando nessa sociedade, onde a tendência urbana paulatinamente proporcionava novas influências e novas aspirações, enquanto o declínio produtivo das fazendas desarticulava um dos principais pilares do modo de vida, que é o trabalho no campo.
- 57 É possível que os agentes desta mudança, as comunidades do entorno da fazenda Monte Alegre, tenham efetuado de forma não intencional as combinações dos elementos culturais de que dispunham em correspondência ao contexto em que viviam, resultando no bloco da Caninha Verde. Em levantamentos realizados em outras localidades de Vassouras e nas cidades do entorno não foi possível identificar outros grupos semelhantes. Os grupos de Caninha Verde que já existiram, como do Seu Ivo e do Seu Zé Lourenço, ou os atuais como de Ferreiros, do Grecco e do Morro da Vaca, todos vinculados a Vassouras, tem em suas origens a influência do grupo relacionado às comunidades do entorno da fazenda Monte Alegre (Monteiro, 2012). O que há de peculiar e relevante não está necessariamente numa suposta originalidade dos elementos que a compõem, mas está no processo de sua própria hibridação, ou na forma e no contexto em que foi reconfigurada, que inclui a transição de seu espaço festivo da fazenda para a cidade. É fundamental considerar que, em geral, as práticas festivas originam-se parcial ou integralmente de outras práticas festivas.
- 58 Desta forma, o estudo sobre a Caninha Verde em Vassouras proporciona mais possibilidades do que certezas. Ainda que as lacunas e a imaginação componham as lembranças, as memórias de Seu Filhinho sobre a Caninha Verde talvez indiquem que ele tenha sido testemunha da “invenção” de uma prática festiva, fruto de uma mistura de elementos de outras brincadeiras e expressões festivas. Até que se prove o contrário, esta é uma das versões possíveis.
- 59 Assim, da mesma forma que alguns poemas lusitanos ressaltam a flexibilidade de uma cana verde, esta prática festiva continua atualizando-se e integrando novos contextos

festivos. As memórias relacionadas à Caninha Verde podem ser consideradas narrativas sobre uma maneira de apropriação lúdica do contexto que se transforma, subvertendo e fazendo interagir as imagens que se difundem dos divertimentos urbano e rural. O estudo de tais particularidades locais pode ser um caminho de investigação sobre os processos em que há a convergência da diversidade, da peculiaridade e da globalidade no momento da festa, revelando como as amplas trajetórias dos processos sociais se refletem no que há de corriqueiro no modo da vida, fazendo com que a festa, no entanto, nunca seja corriqueira.

BIBLIOGRAFIA

- A CANINHA VERDE em Vassouras. 2012. Oficina de estudos da Preservação. 02'36". Rio de Janeiro: IPHAN/RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WFFdxLJJhk> Acessado em: nov. 2013.
- ALBERTI, Verena. 2005. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- ALMEIDA, Jovino Ribeiro. 2000. O Grecco e a sua história. Vassouras: Gráfica Palmeiras
- ALVARENGA, Oneyda. 1950. Música popular brasileira. Porto Alegre: Editora Globo.
- ANDRADE, Mário de. 1959. Danças dramáticas no Brasil. Tomo 1. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- _____. 1989. Dicionário musical brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia.
- ARAÚJO, Alceu, Maynard; FRANCESCHINI, Manoel Antônio. 1947. Danças e ritos populares de Taubaté. São Paulo: USP.
- ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. 2000. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ARAÚJO, Patrícia Lopes Vargas de. 2008. Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no Século XIX. São Paulo: Annablume/ Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. 1993. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco.
- ASSUNÇÃO, Matthias Holing. 1992. Resgatando o carnaval de rua: a fuzarca maranhense contra a homogeneização nacional-global. Revista da USP, São Paulo: HUCITEC, n. 48, p. 159-178.
- ASSUNÇÃO, Matthias Holing. 1999. Joego de palo em Lara: elementos para uma história social de un arte marcial venezuelano. Revista das Índias, Madri, v. LIX, n. 215, p. 55-89.
- BOSI, Alfredo. 1992. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRAGA, Greenhalgh H. Faria [compilação]. 1978. Vassouras: história, fatos e gente. Rio de Janeiro: Ultra-sed Ed.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2009. Dossiê do Jongô. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=722>. Acesso em: 13 fev.
-

BURKE, Peter. 1989. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.

CANCLINI, Nestor Garcia. 2006. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloisa Pezza Cintrão et al. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.

CÂNDIDO, Antônio. 2001. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades.

CASCUDO, Luiz da Câmara. 1972. *Dicionário do folclore Brasileiro*. 3. ed. rev. aum. Brasília: Instituto Nacional do Livro.

CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). 2009. *Tesouros de folclore e cultura popular brasileira*. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/apresentacao.html>>. Acesso em: 20 mar.

COELHO NETO, H. 1945. *Carnaval de outrora*. In: LOUZADA, Wilson (Org.). *Antologia de carnaval*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A.

CONVIVÊNCIA DO IDOSO 2011 –Vassouras RJ. 2011. *Apresentação da Caninha Verde*. 01'59". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxABvx4MMoM>. Acessado em: 17 set. 2014.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. 2001. *Ecos do carnaval: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (Org.). 2002. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP.

DA MATTA, Roberto. 1997. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.

DEL PRIORE, Mary Lucy. 2000. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense.

ELIAS, Norbert. 1994. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FERREIRA, Luiz Felipe. 2005. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

FRADE, Cásia (Coord.). 1985. *Guia do folclore fluminense*. Rio de Janeiro: Presença.

_____. 2008. *O calango fluminense*. In: PIMENTEL, Alexandre; CORREIA, Joana (Orgs.). *Na ponta do verso*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé,

_____. 1978. *O Bloco da Caninha Verde*. Vassouras: Associação de Amigos do Folclore.

FRAGOSO, João Luiz Ribeiro. 1983. *Sistemas agrários em Paraíba do Sul (1850-1920): um estudo se relações não capitalistas de produção*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da UFRJ.

GEERTZ, Cliford. 2008. *A interpretação das culturas*. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. 1973. *Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas*. São Paulo: Melhoramentos.

GOOGLE MAPS. 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9141308,-43.445982,11z>. Acessado em: 15 set. 2014.

HALL, Stuart. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva et al. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

- _____. 2003. Notas sobre a desconstrução do popular. In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG: Representação da UNESCO no Brasil.
- HOBBSAWM, E. Introdução. 1984. In: _____; RAWCER, T. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1975. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- JONGOS, calangos e folias: música negra, memória e poesia. 2008. Direção de Martha Abreu e Hebe Mattos. Niterói-RJ: UFF. 1 DVD. 45min.
- MAPA DE CULTURA RJ. Caninha Verde do Morro da Vaca. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/caninha-verde-do-morro-da-vaca>. Acessado em: 14 set. 2014.
- MARTINS, Roselene de Cássia Coelho. 2007. Colonização e política: debates no final da escravidão. Rio de Janeiro: ateliê.
- MONTEIRO, André Jacques Martins. 2007. Culturas populares e o Vale do Paraíba. In: CAMPOS, Cleise; LEMOS, Guilherme; CALABRE, Lia. Políticas públicas de cultura do Estado do Rio de Janeiro: 2006. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius.
- _____. 2012. A caninha verde em Vassouras: memórias, espaços e transformações em práticas festivas na primeira metade do século XX. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós – Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MORAIS FILHO, Alexandre José de Mello. 1979. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora Itatiaia.
- MUNIZ, Célia Maria Loureiro. 2005. Riqueza fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras – 1820-1890. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MUSEU DA PESSOA. 2009. Entrevista Nilton dias da Rosa. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/pessoa/nilton-dias-da-rosa-16484>. Acessado em: 14 set. 2014.
- NAPOMUCENO, Rosa. 1999. Música caipira: roça ao rodeio. São Paulo: Ed. 34.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. 1989. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1992. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Editora Brasiliense.
- RAPOSO, Ignacio. 1935. História de Vassouras. Vassouras-RJ: Fundação 1º de Maio.
- RIBEIRO, Joaquim. 1977. Folclore do açúcar. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- RICCI, Maria Fernanda Caravana de Castro Moraes. 2000. A tessitura de uma comunidade fabril: a experiência de Vassouras companhia têxtil São Luiz. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ.
- ROCHA, Isabel. 2007. Vassouras. In: PESSOA, José (Org.). Atlas das cidades históricas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- SILVA TELLES, Augusto Carlos. 1967. Vassouras. Estudo da Construção Residencial Urbana: Separata da Revista do IPHAN, Rio de Janeiro, v. 16.

SOIHET, Rachel. 1998. A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

STEIN, J. Stanley. 1990. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Tradução de Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

TINHORÃO, José Ramos. 2000. A imprensa carnavalesca no Brasil. São Paulo: Hedra.

VERSOS E CACETES: o jogo do pau na cultura afro-fluminense. 2009. Direção de Matthias Holing Assunção e Hebe Mattos. Rio de Janeiro: LABHOI-UFF. 1 DVD. 37 min. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/node/1499> Acessado em nov. 2013.

VIEIRA, Cláudia Regina. 2010. Eugênio Caputi. In.: ACADEMIA DE LETRAS DE VASSOURAS. Vassouras: vultos que engrandeceram seu cotidiano. Vassouras-RJ: Universidade Severino Sombra.

Fontes primárias

VASSOURAS. 1978. Instruções para a Comissão Permanente nomeada pelos fazendeiros do município de Vassouras, 1854. In: BRAGA, Greenhalgh H. Faria (Comp.). Vassouras, história, fatos e gente. Rio de Janeiro: Ultra-set Ed.

WERNECK, Luiz Peixoto de Lacerda. 1978. Memória sobre a Fundação de uma Fazenda na Província do Rio de Janeiro. In: BRAGA, Greenhalgh H. Faria (Comp.). Vassouras, história, fatos e gente. Rio de Janeiro: Ultra-sed Ed.

Entrevistados e filmagem:

Elisa Maria da Silva Conceição nasceu em Vassouras em 27 de dezembro de 1949. Foi entrevistada por André Jacques Martins Monteiro em 23 de julho de 2011, na sede do Vassouras Malha Clube, localizado na Rua Paulo Torres, 771, Centro, Vassouras-RJ. Reside na Rua Santos Dumont, 477, casa 101, Centro, Vassouras-RJ.

Ismar de Souza Gondin nasceu em Vassouras em 20 de dezembro de 1930. Foi entrevistado por André Jacques Martins Monteiro em 28 de outubro de 2010, em sua própria residência. Reside na Rua do Bingue, 341, Centro, Vassouras-RJ.

José Luiz de Souza Tavares nasceu em Vassouras em 8 de setembro de 1947. Foi entrevistado por André Jacques Martins Monteiro em 22 de outubro de 2011, na sede do Vassouras Malha Clube, localizado na Rua Paulo Torres, 771, Centro, Vassouras-RJ. Reside na Rua Luiz Francisco de Souza, 375, Bairro Ponte Funda/Monte Alegre, Vassouras-RJ.

Manoel João dos Santos nasceu em Vassouras em 6 de dezembro de 1932. Foi entrevistado por André Jacques Martins Monteiro em 28 de outubro de 2011, na Rua Luiz Francisco de Souza, 375, Bairro Ponte Funda/Monte Alegre, Vassouras-RJ. Reside na Rua do Bingue, 1321, Bairro Morro da Vaca, Vassouras-RJ.

Maria de Lurdes de Souza Tavares nasceu em Vassouras em 11 de dezembro 1915. Foi entrevistada por André Jacques Martins Monteiro nas datas: 11 de março de 2009 e 06 de maio de 2010, em sua própria residência. Residia na Rua Luiz Francisco de Souza, 375, Bairro Ponte Funda/Monte Alegre, Vassouras-RJ. Faleceu em 25 de agosto de 2010.

Maria de Fátima da Silva Conceição nasceu em Vassouras em 18 de julho de 1859. Foi entrevistada por André Jacques Martins Monteiro em 23 de julho de 2011, na sede do Vassouras Malha Clube, localizado na Rua Paulo Torres, 771, Centro, Vassouras-RJ. Reside na Rua Mirena, 186, Centro, Vassouras-RJ.

Nilton Dias da Rosa nasceu em Vassouras em 20 de julho de 1918. Foi entrevistado por André Jacques Martins Monteiro nas seguintes datas: 20 de março de 2008 – no Escritório Técnico do IPHAN na Região do Médio Vale do Paraíba, localizado na Rua Dr. Fernandes Júnior, 160, Centro, Vassouras-RJ –, 23 de julho de 2011 e 29 de outubro de 2011 – na sede do Vassouras Malha Clube, localizado na Rua Paulo Torres, 771, Centro, Vassouras-RJ. Residia na Rua Ambrósio Coutinho, 224, Bairro Carvalheira, Vassouras-RJ. Faleceu em 18 de março de 2012.

Filmagem do encontro do Grupo de Calango Itakalango com Nilton Dias da Rosa. Filmagem realizada por André Jacques Martins Monteiro em 24 de junho de 2009, na sede do Vassouras Malha Clube, localizado na Rua Paulo Torres, 771, Centro, Vassouras-RJ. O responsável pelo grupo é Edson Torres da Hora, nascido em Vassouras em 2 de abril de 1951. Reside na Rua Marcolino Andrade Cruz, 7, Itakamosi, Vassouras-RJ. O grupo estava composto por Edson Torres da Hora, tocando surdo; Alberto Leandro de Moura Meireles, tocando acordeom de 80 baixos e; Nielson Moreira Gomes, tocando pandeiro. Houve ainda a participação especial de Fátima Maria Natividade de Amorim, tocando a sanfona de 12 baixos.

Filmagem e entrevistas com informações sobre o porrete da Caninha Verde, realizada no dia 28 de outubro de 2011 em um trecho da mata localizada na antiga fazenda Monte Alegre, próximo ao endereço Rua Luiz Francisco de Souza, 375, Bairro Ponte Funda/Monte Alegre, Vassouras-RJ. Participaram da filmagem José Luiz de Souza Tavares e Manoel João dos Santos.

Arquivo Público Municipal de Vassouras – Escritório Técnico Médio Vale do Paraíba – IPHAN

Periódicos consultado:

P., F.P.S. Carnaval em Vassouras. Correio de Vassouras, Vassouras-RJ, p. 05, 15 fev. 1940.

NOTAS

1. LENDA da Caninha Verde. **Infopédia** [on-line]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$lenda-da-caninha-verde](http://www.infopedia.pt/$lenda-da-caninha-verde)>. Acesso em: 8 jan. 2012.
2. Filmagem realizada por André Jacques Martins Monteiro do encontro do Grupo de Calango Itakalango com Nilton Dias da Rosa em 24/06/2009.
3. Entrevista concedida por Nilton Dias da Rosa a André Jacques Martins Monteiro em 23/07/2011. A ideia apresentada pelo Seu Filhinho se sambar tinha o sentido de dançar de forma animada.
4. Conhecido no distrito de Ferreiros, em Vassouras, como Manoel Pelada, por organizar os jogos de futebol, foi o responsável por criar um Bloco de Caninha Verde nesta localidade no final da década de 1960.
5. Entrevista concedida por José Luiz de Souza Tavares a André Jacques Martins Monteiro em 22/10/2011. Nesta entrevista, seu José Luiz realiza uma descrição detalhada da Caninha Verde, tanto em relação a forma como a brincadeira era realizada, como também do contexto em que estava inserida.
6. Filmagem realizada por André Jacques Martins Monteiro do encontro do Grupo de Calango Itakalango com Nilton Dias da Rosa em 24/06/2009. Neste encontro, a cantoria é precedida de um diálogo, no qual o Seu Nilton Dias da Rosa (Seu Filhinho Santana) relata sobre os ambientes em que costumava cantar, como também os sentimentos e motivações na qual a cantoria lhe trazia contentamento.
7. Entrevista concedida por Elisa Maria da Silva Conceição e Maria de Fátima da Silva Conceição a André Jacques Martins Monteiro em 23/07/2011.

8. Filmagem realizada por André Jacques Martins Monteiro do encontro do Grupo de Calango Itakalango com Nilton Dias da Rosa em 24/06/2009.
 9. Idem.
 10. CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). *Tesouros de folclore e cultura popular brasileira*. Mineiro-Pau. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001635.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2010c.
 11. No ano de 2008 houve a oportunidade de levar o Seu Filhinho à festa do 13 de Maio do Quilombo São José, na cidade de Valença, onde ele assistiu – curioso pela novidade – a uma apresentação de Mineiro-Pau de um grupo parafolclórico de Miracema-RJ. Nesse dia Seu Filhinho comentou a semelhança no uso do porrete, mas chamou a atenção para a diferença na forma da batida, dos usos dos instrumentos e do ritmo acelerado da toada.
 12. Entrevista concedida por José Luiz de Souza Tavares a André Jacques Martins Monteiro em 22/10/2011.
 13. Entrevista concedida por Manoel João dos Santos a André Jacques Martins Monteiro em 28/10/2011.
 14. Entrevista concedida por José Luiz de Souza Tavares a André Jacques Martins Monteiro em 22/10/2011
 15. Entrevista concedida por Nilton Dias da Rosa a André Jacques Martins Monteiro em 23/03/2008.
-

RESUMOS

O presente artigo é um estudo sobre as transformações ocorridas na transição do século XIX para o XX no município de Vassouras, localizado no Vale do Paraíba Fluminense no Estado do Rio de Janeiro, através da trajetória de uma prática festiva que marcou os antigos carnavais desta cidade: a Caninha Verde. Originada em Portugal e difundida em grande parte do Brasil, esta manifestação cultural, que integra canto e dança, adquiriu particularidades em cada localidade decorrentes de circunstâncias históricas e sociais, como também de interações étnicas e culturais. As mudanças que ocorreram nos espaços festivos e na forma de brincar revelam indícios de transformações no modo de vida de grupos sociais menos abastados desta cidade.

This article is a study of the changes occurring in the transition from the nineteenth to the twentieth century in the town of Vassouras, located in the Vale do Paraíba Fluminense in the state of Rio de Janeiro, through the course of a festive practice that marked the old carnivals of this city: the Caninha Verde. Originated in Portugal and widespread across much of Brazil, this cultural event, which includes singing and dancing, acquired in each locality particularities resulting from historical and social circumstances, as well as ethnic and cultural interactions. The changes that occurred in the festive spaces and the way to play show evidence of changes in the lifestyle of less affluent social groups in this city.

ÍNDICE

Keywords: Caninha Verde, Vassouras-RJ, festive practice

Palavras-chave: Caninha Verde, Vassouras-RJ, prática festiva

AUTOR

ANDRÉ JACQUES MARTINS MONTEIRO

André Jacques Martins Monteiro é doutorando e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, integrando a Linha de Pesquisa em Memória e Espaço. . E-mail: andrejmm@gmail.com